



O MÉTODO ARQUEOGENEALÓGICO DE MICHEL FOUCAULT EM PESQUISAS EDUCACIONAIS

Ana Geysa Guilherme Bezerra¹

Afonso Gomes de Oliveira²

Ciclene Alves da Silva³

PALAVRAS - CHAVE: Educação. Pesquisa. Poder. Saber. Método

A ESTRUTURA DO PENSAMENTO FOUCAULTIANO

Segundo Lira (2021), Foucault dedicou-se a investigar como se formaram as condições de possibilidade dos discursos na história recente do Ocidente, com o objetivo de diagnosticar o que caracteriza a Modernidade. Em 1967, ao refletir sobre sua trajetória, afirmou que sua tarefa não era oferecer respostas definitivas, mas realizar um “diagnóstico do presente”, de modo a compreender quem somos e o que dizemos hoje. Para isso, buscou identificar o *éthos* da Modernidade, marcada por uma atitude que se expressa metodologicamente por meio da arqueologia enquanto crítica. Diagnosticar o presente, para Foucault, significa analisar suas constituições, diferenças e descontinuidades. Seu modelo de investigação, portanto, é histórico-filosófico, voltado a compreender o modo como nos constituímos no tempo atual.

Nesse sentido, sua trajetória intelectual costuma ser dividida em três fases principais, que refletem as mudanças de foco em suas obras. Segundo Lira (2021), a primeira fase, denominada arqueológica, busca compreender as condições históricas que possibilitam o surgimento dos saberes, conforme se observa em *História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969).

A segunda fase, chamada genealógica, volta-se para as relações entre saber e poder, analisando como os discursos produzem formas de dominação e subjetivação, exemplificada em *Vigiar e Punir* (1975); *A Verdade e as Formas Jurídicas*; *Microfísica do Poder*; e *A Vontade de Saber* (1976). Por fim, a terceira fase, denominada ética ou estética da existência, investiga como os sujeitos se constituem a partir de práticas de liberdade e de cuidado de si. Esse movimento tem início em *A Vontade de Saber* (1976) e é retomado e aprofundado em *O Uso dos Prazeres* (1984) e *O Cuidado de Si* (1984).

¹Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anageysaguilherme@gmail.com

²Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: afonsogomes@alu.uern.br

³ Doutora em Educação (UFPE), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ciclenealves@uern.br



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



Cabe frisar que essas três fases, embora distintas, se articulam em torno de uma mesma preocupação: compreender historicamente as formas pelas quais o sujeito é produzido e se transforma (Lira, 2021). Grande parte da corrente filosófica do pensamento foucaultiano deriva das aulas que ministrou no Collège de France (entre 1970 e 1984). Ao contrário de muitos filósofos, Foucault publicou relativamente poucos livros em vida, pois suas ideias eram mais desenvolvidas, testadas e refinadas nas conferências e cursos que oferecia anualmente. Esses cursos, registrados e publicados postumamente, permitem acompanhar o movimento de seu pensamento e evidenciam que suas obras publicadas constituem, em grande parte, desdobramentos ou sínteses parciais das reflexões apresentadas nessas aulas.

Assim, pode-se afirmar que o *Collège de France* foi o verdadeiro laboratório intelectual de Foucault, onde produziu o núcleo de sua elaboração teórica e conceitual. Entre 1970 e 1984, suas aulas nesse espaço revelaram o percurso de amadurecimento de suas ideias e o deslocamento de seus objetos de estudo. Sua primeira aula, em 1970, intitulada *A Ordem do Discurso*, marca o início de uma reflexão sobre os mecanismos de controle e exclusão do saber. Em 1971, com *Os Teóricos do Poder*, Foucault aprofunda a análise das instituições penais e suas ligações com o poder. No ano seguinte, em 1972, apresentou *A Sociedade Punitiva*, investigando a punição como forma de controle social. Em 1973, em *O Poder Psiquiátrico*, examina a psiquiatria como tecnologia de poder, enquanto em 1974, com *Os Anormais*, aborda os processos de classificação e controle dos “desviantes”.

Em 1975, publica *Vigiar e Punir*, obra que sistematiza a noção de disciplinarização dos corpos, e, ainda nesse período, ministra o curso *Em Defesa da Sociedade*, no qual analisa a política como guerra e introduz o conceito de biopoder. Em 1976, com *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*, amplia suas investigações sobre o discurso sexual e a biopolítica. Já em 1977, em *Segurança, Território, População*, desenvolve a noção de governamentalidade, aprofundada no curso de 1978, *Nascimento da Biopolítica*, onde examina o neoliberalismo e o governo das condutas. Essas produções evidenciam o movimento contínuo e dinâmico do pensamento foucaultiano, cuja força conceitual emergiu, sobretudo, de suas reflexões no *Collège de France*.

Neste sentido, este breve escrito tem como objetivo discutir o método arqueogenealógico de Foucault e suas possibilidades de aplicação em pesquisas no campo da Educação. Busca-se compreender como o autor desenvolveu essa perspectiva metodológica e de que modo suas contribuições podem favorecer novas formas de problematizar os discursos educacionais. O percurso metodológico adotado fundamenta-se no método arqueogenealógico foucaultiano, entendido não como um procedimento rígido, mas como uma estratégia analítica voltada à problematização dos modos de constituição dos saberes, dos sujeitos e das práticas discursivas que atravessam o campo educacional.

A CONSTITUIÇÃO DO MÉTODO ARQUEOGENEALÓGICO



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



Tem sido objeto de discussão entre os estudiosos dos escritos de Foucault a questão de saber se o autor desenvolveu, ou não, um método de pesquisa. Foucault não indica explicitamente a existência de um método próprio; ao contrário, em sua corrente de pensamento, ele contesta a constante crítica de seus contemporâneos por não definir procedimentos metodológicos rígidos para a produção de suas obras. Essa postura se reflete em uma de suas frases mais célebres: “não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (Foucault, 2008, p. 20).

Nesse sentido, Foucault não estava preocupado em definir métodos estritos. A partir da arqueologia, sua inquietação central consistia em investigar “quem somos nós hoje?”, isto é, o que a história fez de nós, pergunta fundante de seus estudos. Sua obra, como as que a precederam, não se inscrevem diretamente no debate sobre a estrutura (em confronto com a gênese, a história e o devir), mas no campo em que se manifestam, se cruzam e se entrelaçam as questões relativas ao ser humano, à consciência, à origem e ao sujeito (Foucault, 2008).

Embora sua preocupação não fosse estabelecer um método formal, Foucault defendia a liberdade de escrita do pesquisador e deixava claro que estruturava cuidadosamente seus textos. Preparava o percurso de suas investigações, explorando caminhos, desvios e deslocamentos, de modo a organizar suas ideias e reflexões. Assim, como observa Araújo (2013), Foucault não nega a existência de um método, mas também não adere a qualquer procedimento formal, preservando a centralidade da liberdade e da singularidade no processo de escrita.

Desse modo, ainda que não tenha definido um método em sentido tradicional, se entendermos método como o conjunto de procedimentos ou técnicas organizadas para alcançar determinados objetivos, é possível reconhecer que Foucault desenvolveu um importante modo de investigar as relações entre poder, saber e subjetividade que atravessam e constituem os diferentes campos do conhecimento e da vida social. Portanto, como afirma Araújo (2013), “seria leviano afirmar que não há método em Foucault. O mais prudente seria, então, dizer que o método foucaultiano é de outra ordem, diferentemente do convencional” (p. 126).

Nesse entendimento, pode-se dizer que Foucault propõe um novo modo de pensar as questões sociais, afastando-se das tradições metodológicas estabelecidas e contribuindo significativamente para problematizar diversas áreas do conhecimento. Assim, o que seus seguidores e estudiosos posteriormente denominaram de método arqueogenealógico resulta da articulação entre suas duas fases, a arqueológica e a genealógica, cuja grande função, como explica Gonçalves (2009, p. 12), é “compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferese, portanto, que Foucault não desenvolveu um método único ou verdadeiro, e essa, de fato, não era sua intenção. O que ele defendia era a liberdade de escrita e de



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



pensamento. Nesse sentido, como menciona Araújo (2013), pouco importa a denominação que Foucault atribui ao seu modo de investigação, pois o método, para o autor, é compreendido como uma “condição de possibilidade”. Assim, envolve construção e desconstrução, substituições e deslocamentos, um constante ir e vir que se faz necessário no processo de escrita e de análise.

Foi dessa forma que Foucault orientou suas investigações: sem modelos teóricos pré-definidos, mas ajustando seus procedimentos a cada objeto estudado. Desse modo, o pesquisador que trabalha sob a perspectiva foucaultiana “terá que colocar o pé na água e arriscar-se, fazendo uma fusão entre materiais diversos para atribuir um novo olhar ao que parecia que já estava claro para todo mundo” (Batista, 2018, p. 159-160).

Nessa direção, o método arqueogenealógico de Foucault pode ser aplicado também às investigações no campo da educação. Segundo Batista (2018), as pesquisas educacionais inspiradas em Michel Foucault, ao problematizar questões como ensino e aprendizagem, não buscam consenso, generalizações ou a dicotomia entre teoria e prática, como ocorre nas narrativas da ciência positivista e cartesiana. Para Foucault, “tudo é prática” — práticas atravessadas por relações de poder e saber.

Assim, pensar as questões educacionais nessa perspectiva implica romper com explicações unívocas e totalizantes. Ainda conforme Batista (2018), “no que tange às pesquisas em Educação, um primeiro exemplo dessa abordagem é que não perguntávamos, nos nossos projetos, quais seriam as melhores maneiras para ensinar [ou] como os alunos aprendem” (p. 157). A preocupação passa a ser compreender as teorias da educação, como e onde elas surgem, bem como as relações de poder e saber que as constituem. Portanto, assumir o método arqueogenealógico nas pesquisas em educação não é tarefa simples: exige abandonar pré-concepções, permitir-se às contradições e reconhecer que até mesmo aquilo que chamamos de “liberdade” é passível de questionamento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ademar Santos. A questão do método em Foucault. **Educação Online**, n. 12. PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2013.

BATISTA, Bruno Nunes. O que Foucault tem a nos dizer sobre métodos investigativos em educação. **Revista SABERES**, v.19, n.2. Natal, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Martins Fontes, 12ª ed. São Paul, 2008.

GONÇALVES, Sérgio Campos. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault. **História e-História**, v. 1. NEE-UNICAMP, Campinas, 2009.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



LIRA, João Jânio da Silva. Arqueogenealogia e o diagnóstico do presente: de Nietzsche a Foucault. **Revista Paranaense de Filosofia**, v. 1, n. 2. Universidade Estadual do Paraná, Paraná, 2021.

LUIZ, Maria Cecília; SILVA, Flávio Caetano; BENGTON, Clarissa Galvão. Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2. UFSC, São Carlos, 2019.

MORICONI, Ítalo. O espectro de Foucault. **Margens: Revista de Cultura**. UFMG, Minas Gerais, 2005.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

